

**INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR SANT'ANA
CAMILA CANHA DA LUZ**

ESTÉTICA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

**PONTA GROSSA
2020**

CAMILA CANHA DA LUZ

ESTÉTICA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Trabalho de Conclusão de Curso elaborado como requisito a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia na Instituição de Ensino Superior Sant'Ana.

Orientador: Prof. Me. Rudnei da Roza Abreu

PONTA GROSSA

2020

Dedicatória

Dedico esse trabalho em especial para meu esposo Danilo Silva Santos que sempre esteve em meu lado, sendo um alicerce durante todo o percurso de formação, ele que é um amante do conhecimento e que durante a nossa trajetória de vida me ensinou a amar de forma intensa o conhecimento. Minha inspiração.

Também dedico aos meus pais Maria de Lourdes Canha da luz e José Calvino da Luz, que são peças fundamentais na minha formação como pessoa, me oportunizaram uma educação moral e ética desde a infância, que resultou numa identidade de caráter que preserva valores.

Dedico esse trabalho a amigos e professores, seres humanos que tenho grande admiração e que durante o meu processo de formação tiveram efetiva e significativa contribuição, a todos, mas principalmente a Dra. Neuza de Fátima Brandellero mais que uma professora uma amiga. Irmã Susana Lúcia Rhodem que me ensina muito com sua forma humanizadora de viver e ao meu orientador, Profº Me. Rudnei da Roza Abreu, um excelente professor.

A Vocês os meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Na contemporaneidade vivem-se dias agônicos, um tempo em que o valor está nas coisas, as pessoas têm se moldado ao ter, influenciadas por um sistema excessivamente voltado ao acúmulo de bem material, como se a razão de ser da existência residisse nas coisas. Caminhar e admirar a natureza é algo retrógrado, pois não se tem tempo mais para esse tipo de contemplação, a contemplação da beleza natural. Neste cenário estão imersos os docentes, numa sociedade que privilegia o Ter ao invés do Ser, que prioriza o material. As relações sensíveis são superficiais, a colaboração de uns com os outros não acontece, e os valores como alteridade, empatia, são cordialidades para se manter um contrato social, tem-se perdido a beleza do Ser. Por tais razões, este estudo pretende analisar como a Estética enquanto Ciência do Sensível contribui para a formação humana e a experiência pedagógica do professor. Buscou-se demonstrar o que é a Estética e a Educação e como as duas disciplinas estão estreitamente vinculadas, para então discutir sobre a formação humana e profissional do professor e por fim apresentar as contribuições de uma educação estética para o professor em sua vida privada, social, e em sua práxis pedagógica. Para tanto revisam-se teóricos: Abbagnano (2012), Freire (2006), Gadotti (1987), Huisman (1984), estes são os principais autores que fundamentam a pesquisa. No objetivo de resultar numa proposta de educação estética, que humaniza a si mesmo e humaniza-se os outros, por meio de um processo educacional que conduza à emancipação dos sujeitos.

Palavras-chave: Estética, Educação, Experiência Estética, Fazer Docente.

ABSTRACT

In contemporary times, we live agonizing days, a time when value is in things, as people have been molded to have, influenced by a system excessively focused on the accumulation of material things, as if the reason of existence resided in things. Walking and admiring nature is something old fashioned, as there is no time for this type of contemplation, the contemplation of natural beauty. In this scenario are immersed the teachers, in a society that favors having over being, which prioritizes material. Human relationships are superficial, collaboration with each other does not happen, and values such as alterity, empathy, are cordialities to maintain a social contract, the beauty of Being has been lost. For such reasons, this study intends to analyze how Aesthetics as a Science of the Sensitive contributes to human formation and to the pedagogical experience of the teacher. We sought to demonstrate what Aesthetics and Education are and how the two disciplines are closely linked, so we can discuss the human and professional education of the teacher and finally present as contributions of an aesthetic education for the teacher in his private life, social, and in its pedagogical praxis. To that end, theorists are reviewed: Abbagnano (2012), Freire (2006), Gadotti (1987), Huisman (1984), these are the main authors that support the research. We aim in a proposal of aesthetic education, which humanizes oneself and humanizes others, through an educational process that leads to the emancipation of the subjects.

Keywords: Aesthetics, Education, Aesthetic Experience, Teaching.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 ESTÉTICA	8
2.1 A Estética no Pensamento Platônico	8
2.2 A Estética em Aristóteles	11
2.3 Estética em Alexander Gottlieb Baumgarten	14
3 REFLETINDO SOBRE O CONCEITO DE EDUCAÇÃO	17
3.1 Educação Como Técnica e Transmissão Cultural	17
3.2 Educação Escolar	19
4 FORMAÇÃO HUMANA E PROFISSIONAL DO PROFESSOR	22
4.1 Um Olhar Sensível Ao Considerar O Outro	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

Buscar-se-á traçar um percurso histórico do pensamento estético, na tentativa de demonstrar o que é a Estética. Para isso é necessário conhecer brevemente a raiz da Estética, que se fará através dos filósofos que fundamentaram os conceitos e pensaram os aspectos que envolvem esse campo do conhecimento filosófico. Sabe-se que ao longo da história de filosofia houve diversos filósofos que discutem a Estética, entretanto na presente pesquisa optou-se por investigar as colocações dos seguintes teóricos: Platão e Aristóteles, que estão na gênese do pensamento estético; e Alexander Baumgarten, o sistematizador da Estética, que deu a essa disciplina o status científico. Abordou-se brevemente estes pensadores para apresentar o conceito de *ciência do conhecimento sensível*, demonstrando os conceitos estéticos que aparecem no trabalho intelectual desses filósofos, para tentar saber de que modo eles pensaram a Estética e a partir dos desdobramentos das reflexões estéticas mostrar como a ciência do sensível contribui para pensar a formação do professor e o processo educacional em geral.

Num segundo momento apresentar-se-á as possibilidades que refletem o que é a Educação, demonstrando os conceitos de Educação, principiando por apresentar a concepção de Educação como técnica e transmissão cultural e, posteriormente, Educação Escolar, numa estrutura mais formal do processo educativo. Na tentativa de refletir seus diversos aspectos, pois sabe-se que na Educação não se tem uma definição conclusiva e sim uma diversidade de pensamentos que mostram o desdobramento do conceito de Educação, esse percurso mostrou-se importante porque para se refletir sobre a relação da Estética com o processo de formação do professor foi preciso demonstrar, ainda que de forma sintética, quais as concepções que norteiam a ideia de Educação.

Após ter refletido sobre a Estética e a Educação passar-se-á a discussão sobre a formação humana e profissional do professor, articulando os conceitos da Estética e da Educação para pensar o fazer docente. Partindo do pensamento que um dos fatores preponderantes no processo de ensino-aprendizagem é a relação entre aluno e professor, na qual o professor tem um papel ético, moral e estético. Deste modo, vê-se a necessidade de dialogar a respeito da formação humana e profissional do professor a fim de compreender de que modo essa formação reflete no ambiente escolar e na sociedade, atraindo assim a percepção dos educandos e como essa

formação interferi na aprendizagem dos educandos em quanto sujeitos do conhecimento. Tendo como pressuposto também refletir a importância de uma educação estética para esse processo de formação tanto do professor como do aluno.

Discutindo ainda a relação do professor com a educação estética, nesse processo de ensino-aprendizado. Promoveu-se um diálogo entre os teóricos para demonstrar a importância da sensibilidade nos relacionamentos, principalmente o modo do professor perceber o aluno, o conhecer e se relacionar, com atitude e olhar estético para com todos os educandos, os entendendo como sujeitos individuais, que necessitam dos aspectos sensíveis para sua formação como sujeito, levando em consideração a influência que o educador é para o educando, por isso a necessidade de uma relação de alteridade e empatia, que um professor com uma formação estético é capaz de promover.

E por último, para concluir essa reflexão, mostrar-se-á as possibilidades de uma educação estética para professores e educandos, no objetivo de ressaltar a importância que essa formação educacional, cultural e social tem na constituição do sujeito estético, que terá significativa relevância em todos os outros aspectos da vida. E, desse modo, tentar realizar uma crítica ao processo educativo que se limita a transmissão de conteúdo, porque a função da educação, acredita-se, não é apenas a reprodução irrefletida de conteúdo, e sim de humanizar-se uns aos outros, a partir da troca dialógica perene entre ser-educador e ser-educando, num processo de educação que leva a emancipação.

Para refletir e discutir sobre a Estética, a Educação e a formação do professor analisou-se os seguintes autores: Huisman (1984), que faz um panorama histórico da Estética refazendo seu percurso desde a literatura Ocidental até as colocações dos problemas estéticos, que abrangem a Estética enquanto ciência; Abbagnano (2012), que serviu para fundamentar os conceitos de Educação; Freire (2006), que mostra o entrelaçamento entre a ética, moral e estética na constituição do professor; Gadotti (1987), este teórico mostra a importância da formação educativa do ser-professor e ainda outros teóricos que estarão ao entorno das discussões levantadas. Trabalhando, assim, numa metodologia de análise bibliográfica.

2 ESTÉTICA

Neste capítulo desenvolverá a contextualização da Estética, buscando mostrar historicamente o desenvolvimento do pensamento estético a partir da literatura Ocidental com os filósofos Platão e Aristóteles, mostrando como estes autores pensaram a representação artística e como esses modos de representação influenciaram na concepção de conhecimento humano e, conseqüentemente, como essa formulação de conhecimento norteava a vida dos indivíduos.

A partir dessas primeiras considerações apresentar o campo da Estética filosófica, tendo como objetivo mostrar os primeiros pensamentos sobre a noção de Estética, que “num primeiro sentido – que, aliás, é o seu sentido primordial – a Filosofia da Arte designa originalmente a *sensibilidade* (etimologicamente aisthesis quer dizer em grego sensibilidade) tendo o duplo significado de conhecimento sensível (percepção) e de aspecto sensível da nossa *afectividade*”. (HUISMAN, 1984, p. 9), designando o modo de perceber e, mesmo, de conhecer as coisas e aquilo que caracteriza a faculdade humana de sentir. Para chegar na concepção de Estética como ciência normativa que guia a vida do espírito humano.

Desse modo aborda-se o pensamento do filósofo alemão Alexander Gottlieb Baumgarten que é um dos principais expoentes da Estética enquanto ciência, discutindo a Estética como doutrina do conhecimento sensível, enfatizando a relação entre o sensível e o racional.

Para vincular esses pensamentos com a educação e a práxis pedagógica, demonstrando a importância de refletir o processo de ensino-aprendizagem a partir da educação estética, que permiti olhar o sujeito do conhecimento de um modo integral, contemplando seu aspecto racional e sentimental, no sentido Estético.

2.1 A Estética no Pensamento Platônico

Platão (427 – 348 a.C.), filósofo da Grécia Antiga, a quem é atribuído diferentes obras que impactaram o pensamento filosófico e que estão na gênese da filosofia Ocidental como: *Fédon*, *Teeteto*, *Críton*, *A República*, *O Banquete* entre outros que compõem o corpus platônico. É um dos primeiros filósofos da Grécia Antiga, a pensar a Estética, e aprofundar a reflexão acerca do Belo, é bem verdade que antes dele tinha-se uma figura de grande importância, que inclusive foi mestre de Platão, essa figura é Sócrates, entretanto, Platão alarga as discussões que cercam o Belo.

Por isso o pensamento platônico é situado na origem da Estética como Huisman (1984, p. 15), expõe: “se fosse preciso esboçar à maneira cartesiana a árvore da filosofia – da Arte – que o autor dos *princípios* traçaria num célebre prefácio, teríamos, na origem de toda a Estética o Platonismo como raiz”. O pensamento de Platão sobre a arte é um marco entre os seus antecessores e seus sucessores, o desenvolvimento posterior da Estética estará estreitamente ligado as concepções platônicas a respeito de uma filosofia da arte.

Platão demonstra que para além de tudo que se considera belo deve haver uma beleza essencial, uma perfeição de beleza “[...] que o que faz belo um objeto é a existência daquele belo em si, de qualquer modo que se faça a sua comunicação com este” (*Fédon*, 100d), desse modo existe uma primeira beleza que faz belo todas outras coisas, ou seja, aquilo que se considera belo é derivado de uma ideia suprema de Belo.

Platão na formulação de sua teoria Estética buscou descentralizar seu pensamento, abrangendo e pensando a estética em todos os sentidos e possibilidades, desde a estética como forma de conhecer, Estética e a arte, Estética e o belo, Estética e o bem em si. Desse modo percebe-se Platão expandindo as ideias e desabrochando a estética, por isso ele é considerado essa raiz, pois buscou superar os outros conhecimentos pré-existentes indo além na episteme Estética.

Com isso, percebendo que Platão ao discorrer suas teorias foi além das ideias postas por seu mestre Sócrates “[...] É mais certo que tudo foi repensado pelo discípulo e largamente ultrapassado”, (HUISMAN 1984, p.16) portanto, é necessário aqui pensar como se deu a abrangência estética em Platão, de que forma ele repensou as ideias de seu mestre Sócrates. Nesse sentido Huisman delimita e pontua o pensamento Platônico mostrando as principais ideias Estéticas de Platão.

Num primeiro momento Huisman (1984) ao deleitar-se em mostrar os pensamentos, a cogitação em Platão acerca do Belo, principia pela dialética platônica; nesse momento aborda sobre os pensamentos de Platão a respeito do amor, e para falar de amor em Platão não poderia deixar de citar a obra *O Banquete*, o diálogo fascinante de Platão, Sócrates, Fedro e outros convivas, mas é Sócrates que pontua a última possibilidade de amor, segundo a profetiza Diótima no livro *O Banquete* “[...] o amor é contraditório: feito do desejo daquilo que não possui e do gosto por aquilo que não é, o amor decepcionado está cheio de esperança, e o amor agonizante

renasce das suas cinzas” (HUISMAN, 1984 p.17), nesse sentido Platão não recusa nenhuma das possibilidades de pensamento sobre o amor colocado pelos convivas na obra *O Banquete*, mas ele aborda o amor e abrange a partir de seu mestre Sócrates, de que o amor é esse desejo por aquilo que não se tem, o desejo por aquilo que se espera ter, como uma esperança sempre pelo devir que se caracteriza sempre nas ideias, um desejo pelo que se pode ter, mas quando se tem já não é mais o mesmo amor, passa-se a desejar um outro objeto, em busca sempre desse amor platônico, do perfeito, do Belo. Uma ideia de um amor belo e bom, de pessoas além de suas massas corpóreas, que alcançassem a perfeição das almas, do Bem, dos valores. Sendo o Bem princípio de verdade, chegando se a comparar com o amor que é esse extremo inalcançável. “Haveria assim as Ideias do Belo, do Bem e da Verdade, que trariam como que um remate a todos os conhecimentos prévios” (HUISMAN, 1984 p.20)

Num segundo momento Huisman (1984) demonstra sobre como Platão pensava o Belo em Si, que é o processo de busca pelo ideal, e esse ideal não pode ser subjetivo pois ele é a essência plena do belo que só é existente dentro do mundo das ideias, é a forma plena de se ver o belo em si, pensar o que pode se haver de mais belo, de mais perfeito, uniforme, único, ainda assim estaria na busca da beleza plena em sua essência, “Mas, quem poderá gabar-se de conhecer o Absoluto? Haverá alguma vaidade na procura do modelo do Herói, do Santo e do Sábio: mas, seria orgulho levado ao extremo querer fazer uma ideia de Deus! Porque a ideia do Belo em Si confunde-se exactamente com essa imagem divina”, desse modo, o belo é comparado com uma divindade, pois é inalcançável, inatingível, algo supremo, além das possibilidades do concreto, existente dentro do mundo ideal de Platão.

Nesse terceiro momento Huisman esclarece sobre o Êxtase ou o Amor Platônico: é uma continuidade da dialética Platônica tratada acima, pois o amor é o belo em si, é o bem em si, é a essência, é o ideal que se concretiza na ideia, no desejo, na esperança, no que irá ser, desse modo, permanece no pensamento desse amor Belo e inalcançável.

Huisman ao tratar de Estética em Platão não poderia deixar excluído a Arte o Artista a reprodução a criação, o ato criador, por isso demonstra que para Platão a Arte tem a sua verdade e beleza e nem tudo que se cria que se faz que se expressa é Arte. Pois Platão delimita o que identifica como digno de ser chamado de Arte, de

criação artística. Uma de suas críticas vai em direção ao falso, ilusório, representação do real, do ideal. A pintura para Platão é considerada falsa, ilusória, incapaz de representar o real, não reconhece como criação artística, porque ela não consegue representar o real de forma que capture a essência, como transmitir a caricatura de uma pessoa a ponto de poder trazer nos traços a essência que só se tem no real, para Platão não é possível, “é por isso que o nosso autor reprova em bloco os processos técnicos pictóricos onde aparentemente as imagens tem um sentido, mas onde tudo se dissolve quando se observam mais de perto os diferentes coloridos” (HUISMAN 1984, p. 23).

Desse modo pode-se perguntar o que é a Arte para Platão? O que pode ser considerado Arte? Huisman (1984, p. 24) esclarece que “a arte para Platão encontra-se numa busca espontânea, natural, sã e sincera; a arte é uma descoberta. Trata-se de encontrar a harmonia ou de reencontrar o esplendor que todos nós possuímos escondido nas profundezas da nossa preexistência”. Entretanto, como observa-se, nem todas as artes são refutadas por Platão, ele aprecia em alguma medida as que tem um fim Belo, mesmo com sua reflexão de que nenhuma arte mimética alcança em sua plenitude a beleza, de modo ideal o Belo. Artes como teatros, esculturas, arquiteturas, músicas são consideradas artes que buscam alcançar o belo, que trazem harmonia e que expressam essência para Platão, porém nem todas por exemplo: a música em alguns aspectos desperta sentimentos de maldade e sofrimento nesse sentido Platão é crítico ao se tratar das melodias.

E em último momento Huisman (1984) ao desvendar a Estética em Platão ele expressa A Essência da Arte: a essência da verdadeira e única Arte é ser essa constância da busca dialética pelo bem, pelo belo, onde é inatingível, mas que é necessário tentar se aproximar dessa beleza do ideal. Para Platão o novo é enganador, pois foge do real, busca aperfeiçoar o que já é, contudo Platão se coloca como conservador já que admira e contempla o antigo o arcaico, que não perde a essência e ao longo dos anos ainda assim possuirá a proximidade com a beleza ideal, mas apenas a proximidade, porque o artista sempre estará nessa eterna busca da perfeição e da proximidade com o belo.

2.2 A Estética em Aristóteles

Aristóteles (384 – 322 a.C.), outro grande filósofo da Grécia Antiga, nasceu em Estagira, antiga Macedônia, atual província da Grécia, professor, inclusive de Alexandre O Grande, é autor de obras importantes que chegaram aos dias atuais entre elas: *Ética Nicômoco*, *Metafísica*, *Política* entre as quais ocupar-se-á do texto *Poética*, em que o filósofo grego pensa a arte poética em geral, mas ressalta a partir dessa reflexão alguns aspectos sobre a Estética como o homem frente a arte e suas formas de representação.

Aristóteles buscou pensar a Estética assim como seu mestre Platão o qual em alguns aspectos entra em concordância com Platão, mas em outros momentos desenvolve uma nova teoria em cima do pensamento Platônico, avançando nas possibilidades da episteme Estética.

Aristóteles acredita que o Belo consiste na ordem e na grandeza como esclarece em seu livro *Poética*, desse modo, ele busca definir o Belo, diferente de seu mestre Platão que se baseia no universo das possibilidades sem chegar em uma exatidão. Mas o discípulo Aristóteles busca conceituar e definir a Estética e o seu pensamento sobre o Belo, a fim de se compreender o que é o Belo, porque algo pode ser chamado de Belo, qual a essência do Belo, fazendo assim uma discussão em torno do objeto Estético o sistematizando. Dessa forma, Huisman (1984, p.26) diz: “O belo será, portanto, para Aristóteles, o arranjo estrutural de um mundo encarado no seu melhor aspecto. Não se trata tanto de ver os homens como eles são, mas de os ver como deveriam ser”, nesse aspecto o pensamento de Aristóteles está vinculado a um devir, ou seja, a maneira como se deve ver as coisas, está relacionado ao óculo que se usa, de um modo perfeito, é poder fazer o exercício de pensar, idealizar o perfeito, uma das formas é através da arte que é o meio de representação do real capaz de despertar o sensível no Ser.

Nessa busca pelo conceito do Belo Aristóteles e Platão dialogam quando pensam que o belo é algo inatingível, pois ambos buscam a perfeição. Mas quando se trata do Bem em si Huisman (1984) esclarece que Aristóteles e Platão divergem, porque para Platão o Bem em si está associado a algo extra-humano, no mundo ideário, onde fixa se numa ideia de que não pode ser experimentado porque está além das possibilidades humanas, já Aristóteles diz que é possível ao ser humano o Bem em si, pois não existe algo a ser experimentado além do que já é, ou seja, além das

possibilidades humanas e um dos meios para que seja experienciado pelo homem o Belo o Bem em si é por intermédio da Arte.

Para Aristóteles “[...] a arte é uma produção criadora de formas novas e onde nenhuma foi conhecida anteriormente por aquele que a criou” (HUISMAN, 1984 p.27), nessa concepção de arte o belo é capaz de ser representado pela arte, pois passa de características comuns e vai para o universo das representações onde tudo pode ser largamente aperfeiçoado, se concretiza na prática a partir de um ideal de Belo, ou seja, do aperfeiçoamento do homem por meio da arte. Já Platão não acreditava na representação do Belo pois para ele não pode ser alcançado no mundo sensível somente no inteligível, ou seja, porque só consiste a perfeição no mundo das ideias, quando tentado representa-lo no concreto, perde a essência, sendo apenas uma cópia, falso, portanto.

Deste modo, vê-se que o mestre Platão e o discípulo Aristóteles dialogam em poucos aspectos, Aristóteles ao formular suas ideias diverge de Platão, questionando suas ideias e demonstrando pontos diferentes dos já possibilitados por Platão, construindo assim a concepção Estética, do Belo, do Bem em si, da Arte e das formas de representações.

Uma das teorias discutidas por Aristóteles, que vai em divergência com Platão, é sobre a mimeses¹. Que Aristóteles, no livro *Poética* (1448b, 5), pensa que “de fato, a ação de mimetizar se constitui nos homens desde a infância, e eles se distinguem das outras criaturas porque são os mais miméticos e porque recorrem a mimese para efetuar as suas primeiras formas de aprendizagem, e todos se comprazem com a mimese realizadas”. Platão acreditava que a arte mimética não pode ser reconhecida como arte, pois a imitação não é capaz de alcançar o mundo inteligível, pois está vinculado ao ilusório, portanto longe da verdade, muito crítico ao que considerava arte, buscava delimitar como arte somente o que é perfeito e racional, pois para ele a razão (mundo das ideias) está acima da arte que só pode ser representada no mundo sensível, ou seja, ela é uma tentativa de imitação do ideal, dessa maneira incapaz de alcançar a essência, o perfeito, o belo, nesse sentido Platão considerava por exemplo como arte inteligível a música pois a mesma é composta através de meios racionais, a matemática. Para Platão a tentativa de se chegar a verdade por meio da arte é

¹ Mimesis - a) termo grego, que significa a acção de imitar, de copiar. SANTOS, Mario Ferreira dos. **Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais**. São Paulo, Editora Matese. 1963, 1190 p.

considerado falso, desse modo parte do mundo sensível e não do inteligível, por isso que a mimeses para Platão é inconcebível, pois ela parte de um pressuposto humano da imitação, terreno e não ideal.

Para Aristóteles a arte é um meio técnico de se chegar a catarse², pois ela é capaz de despertar emoções no homem, como uma purificação da alma. Aristóteles diferente de Platão acreditava apenas no mundo sensível, dizendo que o mundo sensível é o mundo das possibilidades, do concreto, da experiência da arte, considerando a arte como bela capaz de despertar os sentidos humanos. Dois exemplos de arte para Aristóteles é o dramático e a comédia, onde o dramático pode despertar o medo, envolve o homem no sentimento, uma imitação que mexe com sensível, e a comédia propicia a alegria, contágio dos sentimentos, desse modo ambas as artes possuem a potencialidade de propiciar prazer ao homem dessa maneira consiste em válida para Aristóteles.

2.3 Estética em Alexander Gottlieb Baumgarten

Durante o percurso de conhecer a Estética vemos o filósofo Platão trazendo possibilidades sobre esse conhecimento o qual caminha em sua teoria transcendente, e Aristóteles que busca conceituar e delimitar a Estética, caminha em sua teoria imanente, mas ambos perseguindo o objeto da Estética, o Belo a Arte os meios de representação, o verdadeiro o falso.

A Estética tem um vasto campo de conhecimento e durante toda a história vem sendo pensada e discutida, com intuito de propiciar ao homem meios de significações frente ao Belo, a qual a arte tem a potencialidade de representar ou não a beleza, dependendo do teórico que a analisa. Desse modo, desde a Grécia Antiga a Estética vem percorrendo um campo investigativo, no século XVIII ela é sistematizada como disciplina (ciência do conhecimento sensível) por Alexander Gottlieb Baumgarten (1714-1762): Nascido em Berlim, capital da Prússia, em 1714, ele estudou na Universidade de Halle, começou a lecionar em 1738. Foi designado professor em

² (Gr.Ktharsis: purificação, purgação [...]) 2. Aristóteles emprega esse termo a propósito da tragédia no teatro, com analogias com as cerimônias iniciáticas de purificação, para designar a purgação das paixões operada através da arte (especialmente através da tragédia), fornecendo lhes um objeto fictício de descarga.

JAPIASÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

Frankfurt an der Oder, e morreu em 1762. Deixou obras como: Metafísica, Ética filosófica, e principalmente, Estética.

Aproximadamente no ano de 1750 Baumgarten investiga com mais profundidade a Estética, fazendo assim o livro (*Aesthetica*) uma obra excelente onde se propõe a investigar o conhecimento sensível, ou seja, a forma empírica de se conhecer por meio dos sentidos sensíveis. Nesse percurso ocorre discussões sobre o objeto da Estética o Belo e a Arte, que levam sobre si uma carga de reflexões, pois no contexto Clássico Antigo ela está em volta de uma discussão sobre a arte ser esse meio de imitação somente, como expõe Abbagnano (2012, p.427) “Platão insiste na passividade da imitação artística: o pintor só faz reproduzir a aparência do objeto construído pelo artesão (Rep. 598,b); o poeta só faz copiar a aparência dos homens e de suas atividades, sem aperceber-se realmente das coisas que imita e sem a capacidade de realiza-las (ibid., 599b)”. Já Aristóteles diz que “assim como para serem belo os corpos dos seres vivos devem ter uma grandeza que, em seu conjunto, possa ser facilmente abarcada pelo olhar, também o mito deve ser uma extensão que possa ser facilmente abarcada, em seu conjunto, pela mente. (Poét., VII, 1451 a 2)”, mesmo nessa corrente de pensamento da arte como meio de representação e imitação, capaz de apenas reproduzir, seja como cópia da cópia, ou como cópia capaz de despertar sentimento, temos Baumgarten que busca caracterizar a Estética como ciência do sensível indo em contraste com as demais definições.

Portanto, na linha de pensamento da sensibilidade e a afetividade demonstrada em Baumgarten, entra o objetivo de compreender o Belo a Arte através dos sentidos sensíveis, buscando essa transposição do homem frente a Arte, do homem frente ao Belo, as significações, as formas de representações, que saem de um plano de imitação para uma transposição, em que o que se vê o que se representa pode ser experienciado através dos sentidos, ou seja, está relacionado não com a imitação do objeto, e sim com o que o objeto pode significar ao sujeito, despertar os sentidos, portanto.

Examinar essa dimensão empírica das sensações tão desprezada pelo racionalismo, é o que propõe Baumgarten, criador da palavra estética, que se define como “ciência do conhecimento sensível”, e investiga, nesse plano do conhecimento, o que há de mais análogo a razão: a beleza. A obra de arte – esse objeto singular em que se manifesta a beleza – torna-se desde então um tema específico de reflexão filosófica. (ABRÃO, 1999 p.299)

Baumgarten busca diferente de Platão e Aristóteles aproximar a razão do conhecimento sensível, pretende a harmonia o equilíbrio e a unidade entre corpo e espírito, entre homem e cosmos, razão e sentimento. Porque compreende que essas duas esferas, intelectual e sensitiva devem caminhar juntas, necessitam uma da outra, precisam estar entrelaçadas para que o Ser tenha a percepção sensível aliada a razão, a fim do homem utilizar-se dessa destreza para que a sua representação Bela seja composta em totalidade. Desse modo o autor Kaminski (2007, p. 279) esclarece que:

Ocorre que, antes de conhecermos algo cientificamente, ele se nos apresenta como representação, ou seja, o objeto do saber não vai ao pensamento diretamente. Entre a esfera do pensamento puro e da realidade objetiva a representação é uma forma que o homem tem de conhecer a realidade. A compreensão da sensibilidade passa pelo contorno das representações. Aí não se trata de uma realidade pura e abstrata das coisas, nem de uma idealidade racional, mas de como aquilo que é sensível se torna representável e belo.

Nesse sentido propõe essa relação dialética entre a razão e a sensibilidade (percepção), que por meio dessa relação do homem com o mundo inteligível, sensível, que se dá esse conhecimento estético, e assim a representação e manifestação do Belo. A Estética para Baumgarten é o meio de viver representativamente de modo belo, considerando que é o sujeito que pode significar o objeto e sua existência, portanto, seria a maneira de pensar, existir, representar de modo belo, ou seja, ser um Ser Estético. Seria a Estética em Baumgarten uma tentativa de trazer de volta os afetos humanos, as relações sensíveis, não deixando de lado a razão, mas entrelaçando-se com ela para alcançar uma existência Estética, pois durante a história da filosofia a Estética foi deixada de lado, sem ser considerada como um meio de emancipação intelectual e do corpo, do sensível, portanto, agora ela é sistematizada e conhecida como uma ciência do conhecimento sensível, devido a estultícia de Alexander Baumgarten.

3 REFLETINDO SOBRE O CONCEITO DE EDUCAÇÃO

Ao falar-se sobre educação enxerga-se uma variedade de teorias de diferentes autores, cada um significando segundo o seu olhar, e compreensão. Mas acreditando que dentro dessa diversidade de conceitos, pode-se refletir que todos partiram de um ponto chave para que pudessem discorrer teorias sobre. Portanto, não se pode falar de educação, pensar educação, significar, sem antes entender o que é educação? Mas também para que se possa responder essa pergunta, temos que fazer outras perguntas: pode-se definir educação? Encontrar um conceito próprio e último como a verdade sobre educação? Ou é tamanha a complexidade da educação que não se pode defini-la?

Entretanto, não parece ser antes importante buscar definir o que é educação, mas propor pensamentos que perseguem questões como: Qual o sentido da educação? Quais os efeitos sociais? Quais os propósitos da educação? Nesse sentido, não nos pautamos numa definição fixa de educação, percorrer-se-á autores que dialogam em torno de tais questões que envolvem a educação.

3.1 Educação Como Transmissão Cultural

Assim sendo passaremos a analisar os conceitos de educação, principiando por Abbagnano (2015, p. 358). Primeiramente o autor discute a ideia colocando a educação como uma prática reprodutiva que é transmitida de geração a geração: “Podem-se, portanto, distinguir duas formas fundamentais de Educação: 1°. a que simplesmente se propõe as técnicas de trabalho e de comportamento que já estão em poder do grupo social e garantir sua relativa imutabilidade”. Sendo característica segundo Abbagnano (2012) da sociedade primitiva que buscavam manter as suas práticas imutáveis por considerarem sagradas determinadas coisas como por exemplo suas crenças.

No entanto, a sociedade secundária, que o autor considera como uma sociedade mais evoluída, pois permite transformar suas práticas, ou seja, moderna e contemporânea que consiste;

No segundo conceito de E., a transmissão das técnicas já adquiridas tem sobretudo a finalidade de possibilitar o aperfeiçoamento dessas técnicas através da iniciativa dos indivíduos. Nesse aspecto a E. é definida não do ponto de vista da sociedade, mas do ponto de vista do indivíduo: a *formação* (v.) do indivíduo, sua *cultura*, tornam-se o *fim* da educação. (ABBAGNANO 2012, p 358)

Nesse sentido a sociedade secundária, ou seja, contemporânea, entende-se que pode ser mutável a educação e suas práticas, pois os indivíduos se inovam. Mas o que se observa de comum entre as duas sociedades é que ambas compreendem que “[...] uma sociedade humana não poderá sobreviver se sua cultura não for transmitida de geração a geração; as modalidades ou formas de realizar ou garantir essa transmissão chamam-se educação” (ABBAGNANO, 2012, p. 357).

Portanto, compreende-se que os indivíduos se inovam tornando a prática educativa diferente ao longo da história, adquirindo novos hábitos e costumes, constituindo assim uma humanidade que mesmo mantendo seus princípios essenciais para que seja reproduzido os conceitos básicos da educação a outras gerações, ainda assim, buscam modificar-se, significar os conhecimentos pré-existentes os inovando de forma a transformar a sociedade contemporânea, como demonstra Aranha (1996, p 15) “A partir das relações que estabelecem entre si, os homens criam padrões de comportamento, instituições e saberes, cujo aperfeiçoamento é feito pelas gerações sucessivas, o que lhes permite assimilar e modificar os modelos valorizados em uma determinada cultura”.

Nesse processo de mudança do contexto histórico temporal observa que nesse entremeio “É a educação, portanto, que mantém viva a memória e dá condições para sua sobrevivência”, nesse sentido, todos os povos utilizam-se de meios educacionais para sua sobrevivência, mesmo que ao longo da história algumas coisas sejam transformadas.

O sujeito é dotado de potências e utiliza-se desses mecanismos para buscar autonomia em sua vivência, portanto, também “A E. é definida como *formação* do homem, amadurecimento do indivíduo, consecução da sua forma completa ou perfeita [...]” (ABBAGNANO, 2012, p. 358). Ou seja, só ocorrem essas transformações ao longo da história porque o homem busca meios de se transformar, pois “A história é a interpretação da ação transformadora do homem no tempo” Aranha (1996, p.15), entretanto o homem utiliza-se aspectos culturais para se estabelecer na sociedade e um dos meios;

O trabalho – que é a ação transformadora do homem sobre a natureza – modifica também a maneira de pensar, agir e sentir, de modo que nunca permanecemos os mesmos ao fim de uma atividade, qualquer ela que seja. É nesse sentido que dizemos que, pelo trabalho, se autoproduz, ao mesmo tempo que produz sua própria cultura. (ARANHA, 1996 p. 15).

O trabalho é por sua vez parte desse anseio do homem por se transformar e transformar o seu contexto social, ou seja, tudo que o homem realiza durante a história é através do trabalho, essa arte, de transformar o meio. Dessa forma, seus hábitos, valores, comportamentos, linguagem, faz parte de sua cultura e do efetivo trabalho das gerações em manter não só na memória, mas no comportamento seus padrões de vida para que não seja apagado e seus descendentes possam subsistir ao tempo.

Deste modo, percebe-se que a educação existe desde que existe pessoas, o mundo em si, e é através da Educação que se faz subsistir determinada cultura, ou seja, hábitos, valores, comportamentos. A Educação é o meio utilizado por toda raça humana para se estabelecer meios de relacionamentos, leis que regem as pessoas e mantém os contratos, literalmente como forma de subsistência, para que a sociedade permaneça.

3.2 Educação Escolar

A educação escolar ocorre em instituições públicas ou privadas, ambas têm o dever de possibilitar ao indivíduo conhecimentos necessários para que o mesmo possa se estabelecer como sujeito cidadão na sociedade, sendo um Ser de consciência social, autônomo, emancipado intelectualmente. Porém, como avalia Libâneo (2007) a escola já não é mais o centro de onde as pessoas aprendem, pois com a globalização, o avanço tecnológico, as pessoas possuem muitas informações de diferentes formas, na televisão, rádio, mídias sociais. Entretanto, a escola possui parte importante na formação da criança e do adolescente podendo ser fonte de transformação, pois é na escola que se predomina a fonte de conhecimentos, onde consiste pessoas preparadas e organizadas para auxiliar o aluno em seu processo de formação, o qual não terá meras “informações” e sim será direcionado a um cabedal muito maior de conhecimentos o qual ele levará para vida.

Para que ocorra a educação escolar são necessários profissionais que efetuam funções diferentes, os quais possibilitam ao educando um espaço apropriado que supre todas suas necessidades, desde a parte de higienização, organização e aprendizado, para que então esse aluno chegue ao propósito principal que a escola tem, que é de favorecer que o aluno construa seus conhecimentos, seja protagonista de sua história, seja emancipado intelectualmente e socialmente.

Todos os envolvidos na equipe escolar são responsáveis pela educação, pois estão em contato com os educandos e seus familiares. A educação escolar não começa quando o aluno está adentrado na sala de aula apenas, esse momento de ensino-aprendizagem é um dos fatores preponderantes na formação do aluno, porém o educando já está em processo de aprendizagem no espaço escolar desde que entra no portão, quando recebe seus primeiros cumprimentos de boas-vindas, toda ação no espaço escolar é aprendizado, por isso, Libâneo (2007, p. 295) diz que:

[...] “a escola e seu modo de se organizar constituem um ambiente educativo, isto é, um espaço de formação e de aprendizagem construído por seus componentes, um lugar em que os profissionais podem decidir sobre seu trabalho e aprender mais sobre sua profissão. Acredita-se que não são apenas os professores que educam. Todas as pessoas que trabalham na escola realizam ações educativas, embora não tenham as mesmas responsabilidades nem atuem de forma igual.

Dentro do ambiente escolar todas as pessoas estão envolvidas com o processo educativo independente da função que é responsável, desse modo, o processo de educação escolar também é esse espaço de interação entre o grupo escolar e educandos. Nesse sentido “As escolas são, pois, ambientes formativos o que significa que as práticas de organização e de gestão educam, isto é, podem criar ou modificar o modo de pensar e agir das pessoas”, (LIBÂNEO 2007, p. 296).

Ao refletir sobre esse modo de educação, percebe-se que o ato de educar está ligado não somente com o espaço pedagógico escolar e sim há uma conexão com a educação cultural de cada indivíduo da equipe escolar, os quais são sujeitos carregados de seus significados, percepção do cosmo³ que podem interferir na formação do aluno, cidadão, sujeito atuante na sociedade. Portanto, nesse sentido a escola é um fator preponderante e uma forma significativa de educação que deve ser reavaliada todos os dias devido sua contribuição, ou aprisionamento na formação do educando.

Estas posições e formas de educação demonstra que não há um conceito apenas de educação, e que a educação acontece por diferentes experiências sociais. Durante a vida e construção da história o homem sempre estará em processo de

³ Cosmo “(gr. *Komos*) 1. Palavra grega que significa ‘ordem’, ‘universo’, ‘beleza’ e ‘harmonia’ e que designa, em sua origem, o céu estrelado enquanto podemos nele detectar certa ordem: as constelações astrais e as esferas das estrelas fixas. Por extensão, designa, na linguagem filosófica, o mundo enquanto é ordenado e se opõe aos caos”. JAPIASÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. Aqui utiliza-se o termo nesse sentido filosófico de mundo enquanto organização.

educação, tudo que se faz, as relações que se estabelecem, é uma forma de educação, seja no ambiente formal de educação, ou informal familiar, sociedade em si.

4 FORMAÇÃO HUMANA E PROFISSIONAL DO PROFESSOR

Nesse momento passar-se-á a refletir sobre a formação humana e profissional do professor, de que maneira essa formação humana será espelho em sala de aula, partindo do pressuposto de que o ser professor está intrinsecamente ligado com a forma com esse professor compreende o mundo a sua volta. Na tentativa de pensar de que forma a interpretação que o professor faz da realidade que ele está imerso influencia a interpretação de mundo do educando.

Entretanto, antes de chegar a relação do ser professor com a sua interpretação de mundo, utiliza-se da reflexão metafísica, a fim de mostrar a constituição do Ser, buscando pensar a formação humana, a metafísica é o campo do conhecimento filosófico que estuda o Ser, suas características e essência, nesse sentido traça-se num primeiro momento um percurso esclarecendo o que é o Ser, a partir de uma consideração ampla de Ser, e quais são as características que o compõem, e num segundo momento faz-se essa relação dialética entre o Ser no mundo e a experiência em sala de aula e através dessa relação a influência do professor na vida dos educandos.

A formação humana da pessoa do professor é carregada de significações, o mesmo tem consigo por intermédio de uma determinada cultura, valores, hábitos, comportamentos, os seus sentidos são desenvolvidos e aguçados conforme a sua interpretação de mundo, essa interpretação vem desde pequeno quando foi inserido em uma determinada família, desde de bebê têm-se suas primeiras percepções, o teórico Piaget (2003) diz que a criança desde que nasce está inserida em um meio cultural que irá possibilitar a ela suas primeiras experiências que influenciará na formação como sujeito, ou seja, a educação passada no contexto social formará a identidade do indivíduo, composta também pelo capital cultural, simbólico, econômico. Nesse sentido, tudo quanto foi perceptível a criança em seu meio social desde a linguagem, comportamento familiar, valores, ela vai reproduzir.

A pessoa do docente possui, valores, cosmovisão, formação cultural, e essas características serão de maneira oculta influência direta na prática social dos educandos, não como uma reprodução mecânica e sim como um exemplo a ser espelhado, como nos mostra Gadotti (1987, p 27) “deve-se antes de mais nada a coerência do conteúdo do discurso com o sujeito que o pronuncia”, porque a vivência ética e estética do professor está inteiramente ligada com sua práxis pedagógica. O

educador não é um ser de personalidade dupla, Freire (1996) diz que não há separação entre o professor da sala de aula e o sujeito homem professor, pois ambos os dois são um só, o ser que educa, que ensina, que auxilia a construção de conhecimentos de outros, também tem uma história, hábitos, percepções, sentimentos, e toda essa bagagem humana estará exposta aos educandos, por isso a importância de discutir, quem é o Ser que educa? Qual sua essência?

Nesse sentido é importante a pessoa, o sujeito professor conhecer a sua essência como Ser no mundo, seus valores, hábitos, ter a compreensão que a existência não é um ato passageiro, e sim que o que somos reflete na sociedade em si, por isso pensar o que se faz, como se faz, o que pensa, como se pensa, o que se sente, como se sente, aguçar os seus sentidos a existir de forma significativa e Estética, sem reproduções, e sim conhecendo quem é, desse modo, é necessário a pessoa do professor analisar, repensar a sua forma de existir como bem esclarece Gadotti (1987, p. 31), ou seja, refletir o seu fim:

Ora, para o educador, a maneira de se educar é precisamente a interrogação sobre as finalidades, os fins e os objetivos do que ele faz. E quando um educador se interroga sobre suas finalidades, sobre a finalidade de sua empresa, ele filosofa e também se educa. A educação dos educadores começa por um ato pelo qual o homem tem a possibilidade de ser um homem, quer dizer decidir sobre a escolha de seus fins.

Nesse sentido é necessária essa análise do educador sobre si, para que então possa educar a si mesmo, e decidir quais são as suas finalidades como homem, como Ser no mundo, pois sua identidade, sua essência, principia também qual educador será, as percepções que serão compartilhadas com seus alunos, a veracidade do que se ensina com o que se vive.

Porque a identidade do professor, seu caráter, seus hábitos e valores é o que o sustenta como ser humano, a sociedade que está a sua volta é afetada pela formação da identidade do ser humano professor, Laponte (2017, p.22) traz essa reflexão de como o que sou reflete em quem o outro é, ou o que sou pode beneficiar ou não o outro, “nesse sentido, minha identidade é atravessada pela experiência do outro que não é meu limite externo, mas a experiência através da qual eu posso me totalizar”, ou seja, essa relação social tanto com os discentes, quanto na sociedade com o outro, é uma troca, onde os meus valores, a minha identidade é transpassada para o outro, de modo que se é uma relação existencial dialética, onde o que o ser

humano é, complementa o outro ao seu redor, desse modo, deve-se haver uma reflexão de quem é o ser humano professor na sociedade e em sala de aula.

Sabe-se que ninguém nasce com todos os aspectos necessários para ser uma pessoa que compõem de maneira bela a sociedade, porém é ao longo da vida que se constrói a cosmovisão, minucias advinda da educação, que define o caráter, a responsabilidade, alteridade, empatia, solidariedade, características essas próprias de um Ser humano, Estético. Desse modo, pensar na metafísica humana é pensar em uma formação Estética onde o homem é possibilitado conhecer e viver de modo sensível, onde os seus sentidos estão despertados a significar de forma efetiva a vida, o que é, e também o que faz. Pois viver de modo Estético está além de ações bonitas, ou de relacionamentos rasos, está mais ligado com quem o Homem é independente de ambientes e pessoas, está mais relacionado a representação bela de cada um. Ser pelo fato de simplesmente ser, como parte da essência humana. Essa essência que valoriza a vida, as pessoas, que vive de forma plena em tudo quanto for fazer, desde caminhar num parque e apreciar a natureza, até o ato de ser professor. As experiências são parte da formação Estética, por isso é necessária essa análise de como representamos na existência, ou seja, se vivenciamos de modo Belo, contudo, Estético.

Quando se trata do profissional professor temos um retrato certo de como é visto, aquele profissional que transmite conteúdos, que se utiliza de métodos meramente técnicos para “passar” conteúdos aos educandos, como bem mostra Coppete (2010, p. 128):

A sociedade havia formado uma “imagem” do bom professor, como aquele profissional que domina os conteúdos de sua área de ensino. Essa visão técnica e racional, enraizada na história, provocou fraturas na constituição da identidade docente; uma delas, a certeza de que a técnica seria suficiente para a constituição de um bom professor.

Sabemos que a função do professor não é fazer essa mediação mecânica em que o aluno é um ser passivo, um receptor, como uma máquina, como se acontecia na educação tradicional, em que os alunos não tinham seus direitos de pensamento e expressão respeitados, eram considerados páginas em branco, que vai se escrevendo e arquivando palavras, uma verdadeira memorização. Mas sabe-se que com a educação progressista o qual o educador Paulo Freire é essa fonte de referência, que traz o aspecto da autonomia, emancipação intelectual, tanto para o aluno como para o professor, porque ambos se beneficiaram com uma educação que

gera pensadores capazes de se posicionar frente ao cosmo. É nesse percurso que percebemos que a visão estabelecida sobre o professor meramente técnico é errônea, pois o professor é um artista que colori a vida dos educandos, pois a partir dele a esperança de um amanhã melhor renasce. A educação estética é o meio de se acreditar na esperança, pois:

Ensinar é mais do que fornecer informações, dados, datas, nomes, referendar respostas prontas; e aprender é mais do que reter tais informações, do que armazenar aqueles dados, arquivar datas e nomes, decorar a afirmação correta.... Isso já o sabemos exaustivamente. Mas então o que “colocar” no lugar das informações, dados datas, nomes e respostas? Se nada houver de relevante, voltaremos a querer transportar para a cabeça dos estudantes (ou dos “clientes que nos compram as informações, dados, etc.) aquilo que está armazenado e arquivado na cabeça do professor... ou nos livros e *sites*. [...] Contudo, não se trata realmente de substituir as informações por outras “coisas”, ou recairemos no vício do instrucionismo. Se aprender não for uma experiência humanizadora, para que servem a sala de aula, [...] um professor que só sabe instruir não está suficientemente preparado pra educar. (PERISSÉ, 2009, p.41).

Por meio desse debate que se voltamos a educação estética humanizadora, em que o professor não vê seu aluno como um ser passivo, mas que se preocupa com o comportamento daquele sujeito na sociedade e o modo com que ele significa as coisas, por isso a educação não pode ser um processo de reprodução, porque a educação estética não se trata de aprender conteúdos necessários para um acúmulo de conhecimentos, e sim para uma apreciação do conhecimento, de forma que o transforme, um conhecimento que se desemboca em todos os aspectos da vida, o professor estético é o artista capaz de pintar esse quadro, que promove transformação, que é resistência em meio uma sociedade corrompida.

Hoje na contemporaneidade ainda se vê esse tipo de pensamento do ensino aprendizagem como uma ação mecânica, incapaz de humanizar e ser humanizado

Como decorrência disso, vê-se ainda muitos/as professores/as educando crianças e jovens nesse mesmo princípio, ou seja, analisando o que eles/as não possuem para supri-los do que lhes falta, como se a docência fosse um preenchimento e como se isso fosse suficiente para educar alguém (COPPETE, 2010, p.124)

Não, os alunos não são máquinas que vem com manual de como solucionar problemas e faze-los funcionar, são seres humanos sensíveis que se integram numa sociedade e que são o futuro dela. Por isso pode-se observar a possibilidade de uma mudança da cosmovisão em que o pensamento de suprir a falta pode ser substituída a partir da emancipação que um professor estético pode levar para sala de aula, pois a educação estética constitui-se em o professor estético oportunizar os sujeitos a sua

volta a serem autênticos, de modo que não rejeitem quem são, sua cultura, mas que modifique por meio de uma educação estética, para poder ter uma atuação dentro da sociedade, sendo um ser social que respeita e é respeitado, que cuida do seu espaço e dos outros, que valoriza as pessoas invés de bens materiais, que preserva o meio ambiente, e isso não por um contrato social e sim porque parte de dentro para fora, a formação estética colabora para que as pessoas busquem agir de modo Belo.

4.1 Um Olhar Sensível Ao Considerar O Outro

A percepção é um fator preponderante na personalidade de um Ser humano, pois é a partir dela que formamos ideias e que traçamos as formas de representação, a partir do olhar, de, para o objeto, o olhar faz parte dos sentidos, e os sentidos estão aptos a conhecer, porém é importante pensar na forma de conhecimento que o olhar propicia, olhar com amor, misericórdia, com mansidão, carregado de empatia e alteridade, o olhar, a percepção, estão intrinsecamente ligadas ao caráter e a identidade humana.

O relacionamento em sala de aula depende do olhar do professor para com o aluno e vice-versa, e de suas percepções, pois, “a percepção se estrutura de processos seletivos, a partir das condições físicas e psíquicas de cada aluno e, ainda, a partir de certas necessidades e expectativas deles e do professor” (CUNHA, 2015, p. 91). Essa relação perceptiva irá de encontro a necessidade de cada aluno, o sujeito perceberá de acordo com a educação advinda de seu contexto social, estabelecerá sua relação a partir do que entende por relação social, nesse sentido entendendo que dentro de uma sala de aula se tem diferentes contextos, o professor Estético faz toda a diferença, pois terá uma forma de representação do mundo de modo Belo, poderá olhar para cada aluno percebendo suas necessidades, respeitando seus sentimentos, uma relação de percepção, uma relação mutua, aluno e professor, “por isso a percepção não é apenas uma identificação, pura e simplesmente. É muito mais do que isso, pois é na percepção de que algo se esclarece para quem percebe (professor e aluno) e se estrutura também” (CUNHA, 2015, p. 91).

Nesse sentido as percepções do educador precisam estar aguçadas, para olhar e compreender o outro. Uma sala de aula é composta por pessoas, e pessoas importam, cada educando possui uma essência e sua identidade está em processo de formação, o seu contato com os colegas de salas, as diversidades culturais, as experiências e métodos do professor no ensino aprendizagem, sua formação humana,

a forma de estabelecer as relações, tudo estará exposto, minúcias do dia a dia, mas extremamente relevantes ao se pôr a olhar o outro. “Perceber é uma constante cadeia de formas significativas [...]” Cunha (2015, p.91), e essas formas significativas é particular e individual de cada um, porém construída com a percepção do todo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se nossa experiência estética é deficiente logo o ato de educar também será deficiente. Se nossa forma de ver o mundo é deficiente logo os educandos que ensinamos serão deficientes, se nosso comportamento, os valores são deficientes, logo não os teremos para ensinar, o que gerará um futuro de sujeitos intelectualmente e sensivelmente deficientes.

Ao traçar o contexto da Estética, buscou-se compreender a sua finalidade, uma busca constante por entender o Belo e suas formas de representação. Nesse interim obteve-se a tentativa de pensar como o Ser estético se coloca frente ao cosmo e como promove suas relações de modo Belo. Perissé (2009) em seu livro *Estética e Educação* mostra como o mundo está descaracterizado, os valores se perderam, já não se tem nada muito concreto, vive-se um tempo em que tudo é relativo.

A forma com que o homem vem se concebendo na sociedade está o descaracterizando como *Ser humano*, vive-se um contexto social deturpado, onde as pessoas buscam centralizar sua existência na produtividade no consumo, um tempo agônico, é necessária uma reanálise de si mesmo, perceber que a existência é uma obra de arte em processo de construção e que o artista é cada sujeito, e que deve-se ter a destreza Estética para se fazer os traços da existência.

Na contemporaneidade, nesse tempo globalizado, na facilidade do fest-food, na praticidade dos automóveis, na corrida contra o relógio, bem-vindos a era da produtividade técnica, de relacionamentos artificiais, de uma vida gasta para *ter* ao invés de para *ser*.

Por isso a necessidade de demonstrar a Estética enquanto potencialidade de transformação pois “a estética é, na verdade, uma dimensão da existência, do agir humano. [...] Ao produzir sua vida, o indivíduo realiza uma obra, análoga à obra de arte. É justamente aí que ele se afirma como sujeito, que ele produz a sua subjetividade”. (COPPETE Apud RIOS 2003, s/p), por isso educar-se esteticamente é essencial ao ser humano.

Dentro desse quadro de uma sociedade corrompida, com interesses descentralizados de uma vivência humana e sensível, está o Ser humano professor e profissional professor. Em primeiro, Ser humano parte de uma cultura, advindo de um

determinado contexto com suas próprias percepções do cosmo, ou seja, uma educação cultural já formada, uma identidade estabelecida, a qual deve ser questionada, refletida, um ato como expressa Gadotti (1987) de educar-se a si mesmo, enquanto ser humano e como um possível potencial professor, porque não se nasce professor torna-se professor, um labor inacabado, porque o saber se renova e por isso o professor também se renova. Também não se nasce uma pessoa humanizada torna-se uma pessoa humanizada. Mas pode-se perguntar como educar-se a si mesmo? Como humanizar-se? Por intermédio de uma educação Estética. Para que ocorra essa educação Estética é imprescindível a pessoa do professor humanizar-se, sensibilizar-se, educar-se esteticamente, a arte é um meio de representação do belo que propicia ao ser humano uma elevação moral e desse modo, uma educação estética, onde o homem tem o contato com as formas de representação que desperta o sentimento, levando o sujeito a reflexão, significação Estética, portanto, “pois é pela beleza que se vai a liberdade” (SCHILLER, 1963, p.36), a liberdade de uma educação Estética, uma emancipação enquanto ser humano sensível, que se desvencilha de um sistema aprisionador que dita o que fazer, como fazer, quando fazer, e principalmente como Ser, que tem tornado a humanidade numa máquina, incapaz de sensibilizar-se e educar-se esteticamente.

Nesse sentido a educação Estética vem de encontro a essa carência da sociedade em equilibrar-se entre a razão e o sensível, como propõe Baumgarten ao trazer a sistematização da estética entrelaçada a intelectualidade e o sensível, o sentimento. Viver de modo a conhecer a beleza é buscar a liberdade, Schiller (1963) faz uma tentativa de abrir os olhos dos seres humanos ao discutir a educação Estética como meio de liberdade, como meio se libertar-se da alienação do sistema capitalista e consumista.

A educação estética do ser humano resulta numa liberdade de pensamento, uma nova forma de significar as coisas, de modo Belo, pois o Belo reside também nas experiências, na presença, na força interior de cada um, em ser uma fonte geradora de transformações de pensamento e comportamento, ou seja, de dentro para fora. Platão propõe a estética como ética e moral, valores a serem considerados ao tratar-se da construção do ser estético, como já nos dizia o educador Freire (2006), a ética aliada a estética, pois uma sem a outra não forma o sujeito de forma plena.

Sobre maneira, não existe outro modo de mudar de um homem alienado pelo sistema, em um ser humano intelectualmente e sensivelmente estético, se não for por meio de uma educação estética, se posicionar frente a sociedade. Ter a virtude de educar-se a si mesmo é um ato de bravura e de compaixão, pois a medida que se auto educa podemos nos educar entre si, como nos ensina Freire. Para tanto, é necessária uma autoanálise, recorrer ao conhecimento do sensível a fim de ser um espelho que reflète valores capazes de beneficiar a si mesmo e aos outros. Mas essa representatividade estética frente ao mundo, essa vivencia Bela deve ser uma transformação de dentro para fora, nunca será pela força dos braços e sim pela benevolência entre os seres humanos.

O fato de estar numa sociedade relacional, onde pessoas importam é uma mola propulsora para se buscar uma educação estética, mas ao pensar no educando e em suas necessidades individuais é dever do professor educar-se a si mesmo, pois ele influenciará gerações, professor estético, gera alunos estéticos, professor sensível, gera alunos sensíveis, professor empático, gera alunos empáticos, professor que aprecia Arte e que as significa como meio de reflexão, gera alunos apaixonados pela Arte, professores amantes do conhecimento, gera alunos amantes do conhecimento, não se trata de uma reprodução, se trata de ser uma pessoa estética, e a partir disso incentivar a esteticidade nos educandos a fim de que todos sejam beneficiados e possa-se estabelecer uma sociedade melhor.

Uma sociedade que não oculta os valores, que respeita e é respeitada, que estende a mão e se coloca no lugar do outro, que percebe que a vida é bela e passageira, que coloca o outro, acima de si mesmo. Por uma sociedade em que os professores se põem no lugar de seus alunos, que sejam compreensíveis com a individualidade de cada um, que busque amenizar as desigualdades sociais, que trate a todos com benevolência, que faça com que seu aluno veja em si mesmo uma potencialidade estética, que não suprima os talentos dos discentes, que os impulse ao conhecimento, que seja para eles além de um educador que transmite conteúdos, mas que seja um educador que transmite água fresca a uma sociedade inteira de discentes sedentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. 2ªed, São Paulo. Editora Moderna. 1996. 255 p.
- ARISTÓTELES. **Poética**. 2. ed. Trad. Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2017. 225 p.
- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. WMF Martins Fontes - São Paulo 2012, p. 357 – 358.
- ABRÃO, Bernadette Siqueira. **História da Filosofia**. São Paulo: Nova cultural, 1999. 480 p.
- COPETTE, Maria Conceição. Estética e docência: uma abordagem rizomática. **Visão Global**, Joaçaba, v. 13, n. 1, p. 119-142, jan./jun. 2010.
- CUNHA, Daiane Solange Stoeberl da. MELO, DesiréePaschoal de. GOMES, Érica Dias. CEBULSKI, Márcia Cristina. **Arte na Atualidade**. Jundiaí. Paco Editorial, 2015. 285 p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários para a pratica educativa**. 33 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006. 148 p.
- GADOTTI, Moacir. **A Educação contra a Educação**. 4 ed. São Paulo. Paz e Terra. 1987. 172 p.
- HUISMAN, Denis. **A Estética**. São Paulo. Edições 70, 1954.125 p.
- KAMINSKI, Luciano Ezequiel. Curitiba: **SEED-PR2007**. – 266 p
- LAPONTE, Luciana Gruppelli. Tudo isso que chamamos de formação estética: ressonâncias para a docência. **Revista Brasileira de Educação** - v. 22 n. 69 abr.-jun. 2017.
- LIBÂNEO, José Carlos. OLIVEIRA, João Ferreira de. TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação Escolar: políticas estrutura e organização**. 4ªed. São Paulo. Cortez Editora, 2007. 408 p.
- PIAGET, Jean. **A Construção do Real na Criança**. 3ªed. São Paulo. Editora Ática, 2003. 392 p.
- PERISSÉ, Gabriel. **Estética e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 100 p.
- PLATÃO. **A República**. 2. ed. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2014. 431 p.
- _____. Fédon. In. _____. **Os Pensadores v. III**. Trad. José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1972. p. 61-132.
- SCHILLER. **Sôbre a educação estética**. São Paulo. Editora Herder, 1963. 134 p.